

Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri.

Ariluci Goes Elliott*

Mirian de Albuquerque Aquino**

Resumo A Ciência da Informação, como área de conhecimento, preocupa-se em trazer para seus estudos a abordagem transdisciplinar, permitindo interagir com outros campos do conhecimento, a fim de buscar elementos conceituais para contribuir com a sua estrutura teórica e prática para a informação na área da comunicação em busca do conhecimento contextualizado. O debate sobre a memória requer reflexões nas pesquisas em Ciência da Informação, sobretudo quando analisada do ponto de vista de como a história do(a) negro(a) se faz presente, como memória, no discurso jornalístico. Através dos jornais são catalisadas as expressões políticas, institucionais, diálogos socializantes sobre as relações interraciais, legitimando a desigualdade social pela cor da pele. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é analisar a construção de imagens sobre os(as) negros(as) no discurso jornalístico, tomando como foco de análise os jornais da imprensa negra, *O Menelick* e *A Pérola*, que circularam no ano de 1916. Especificamente pretende: a) identificar e mapear as edições dos jornais da imprensa negra armazenados no repositório da UFC; b) localizar o papel da imprensa negra no campo jornalístico e sua produção no ano de 1916; c) relacionar os discursos sobre o negro, produzidos pela imprensa negra com o contexto histórico, político, econômico e cultural do período analisado. A metodologia mais apropriada para ser utilizada é a que propicia uma abordagem discursiva na linha de Eni Orlandi (2009) e a de Patrick Charaudeau (2009), as quais não se preocupam com a quantificação na construção dos dados, pois estes são reunidos em função de sua qualidade, de suas características, exigindo-nos uma tarefa de conceituação. Diante da análise dos jornais, constatou-se que o negro é apresentado por cenários compostos de protestos, reivindicações, formação educacional e seu desejo de integração na sociedade, ou seja, por um discurso permeado pela busca da sua identidade.

Palavras-chave Ciência da Informação; memória; imprensa negra; análise do discurso

* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora assistente do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço postal: UFC, Campus Cariri, Departamento de Biblioteconomia, Av. Ten. Raimundo Rocha, s/n, Cidade Universitária, Juazeiro do Norte, Ceará, CEP. 63040-360. Tel. (88) 3572-7221 e e-mail ariluci@ufc.br.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora associada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Endereço postal: UFPB, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus I, Cidade Universitária, Castello Branco, Joao Pessoa, Paraíba, CEP. 58051-900. Tel. (83) 3216 7483 e e-mail miriabu@gmail.com.

Information, image and memory: a discourse analysis in the black press newspapers' of the Library at the Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Cariri

Abstract The Information Science as a field of knowledge is concerned to bring, to their studies, the transdisciplinary approach, enabling interaction with other fields of knowledge, in order to seek conceptual elements to contribute with its theoretical and practice framework for the information in the communication area in such of the knowledge in context. The debate about memory requires reflection in the Information Science researches', especially when viewed from the standpoint of how the history of the Afro-Brazilian is present as memory, in the journalistic discourse. Through these newspapers are catalyzed the expressions political, institutional, collectivist dialogues about interracial relationships, legitimizing social inequality by skin color. In this sense, the goal of this research is to analyze the construction of the images about the Afro-Brazilian in the journalistic discourse, focusing on analysis of the black press newspapers', O Menelick and A Peróla, which circulated in the year 1916. Specifically aims to: a) identify and make a map of the editions of the black press newspapers' stored in the repository of the UFC, b) locate the role of the black press in the journalistic field and its production in the year 1916; c) to relate the discourse about the Afro-Brazilian, produced by the black press with the historical context, political, economic and cultural analysis period. The most appropriate methodology to be used is the one providing a discursive approach in the view of Eni Orlandi (2009) and Patrick Charaudeau (2009), which are not concerned with the quantification in the construction of data, since these are grouped according to its quality, its features, requiring us a task of conceptualization. In the analysis of newspapers, it was found that the Afro-Brazilian is presented by setting composed of protests, claims, educational background and his desire to integrate in the society, that is permeated in the a discourse by the search of his identity.

Keywords Information Science; memory; black press; discourse analysis

Introdução

Desde o início do século XIX, a imprensa escrita tem um papel decisivo na formação da opinião pública da sociedade brasileira por refletir lutas políticas e questões sociais, bem como por compartilhar e noticiar os momentos em que a história nasce e se desenvolve. Nesse sentido, Capelato (1988) explica que esse instrumento de comunicação é reconhecido hoje como material valioso para pesquisar e estudar uma determinada época, considerando nas suas reflexões que a imprensa participa da história ao comentá-la e ao registrá-la, pois é por meio dela que se trava uma “constante batalha pela conquista de corações e mentes. Compete ao historiador [pesquisador] reconstituir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplas personagens” (CAPELATO, 1988, p. 13).

É comum o pesquisador recorrer aos jornais impressos como fonte de informação para dar suporte ou até mesmo torná-lo objeto de estudo de suas investigações. A imprensa negra ocupa um lugar importante porque pode proporcionar a construção dos sentidos, demandando o desenvolvimento de mais estudos que possam melhor explicitar a questão de como os grupos

negros tentavam perceber, interpretar e absorver a sociedade no século XX. A partir desse entendimento, a escolha do tema desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreendermos o papel da imprensa negra no contexto de sua produção, vez que essa forma de comunicação tornou-se uma fonte privilegiada para o estudo do pensamento social, político e histórico do negro brasileiro e representação das ideias e desejos de lideranças do contingente populacional no Brasil.

A nossa opção pela pesquisa nos jornais da imprensa negra tornou-se viável em 2008 quando mantivemos o primeiro contato com a pesquisadora Joselina da Silva, atualmente docente da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Campus Cariri, que fez a doação de 87 (oitenta e sete) jornais da imprensa negra à biblioteca dessa Instituição, ficando estes periódicos à disposição da comunidade acadêmica para realizar estudos e pesquisas sobre a temática etnicorracial.

O nosso interesse pelo estudo desses jornais como materialidade empírica para esta pesquisa de mestrado, foi aumentando quando participamos como oficinaira nos três “Cursos de Extensão em Iniciativas Negras: trocando experiências”, sob a coordenação dessa mesma professora, realizados nas cidades de Juazeiro do Norte (CE) e de Araguaína (TO), no período de 2007 a 2009.

A nossa participação nessas experiências foi fundamental, pois contribuiu muito para a construção de uma base conceitual de coleta de dados, servindo ao desenvolvimento de estudos e pesquisas posteriores com base nas palestras, nas oficinas, nos minicursos e nos debates, os quais foram ministrados por militantes do movimento negro no Brasil, sobre a sua inclusão etnoracial da população negra na atual sociedade brasileira. Essas experiências preliminares deram origem ao surgimento do tema e a sua realização empírica na Biblioteca da UFC – Campus Cariri, que dispõe de um considerável acervo de títulos de jornais da Imprensa negra, destacando-se A Pérola, O Menelick, Progresso, O Consciência, Africaxé, Nêgo, Zumbi, Negro, O Vissungo, Chico Rei, Quilombo, Ogunhê, Trovão, Gazeta Afro-latina, Unegro, A voz do Orixá, Sim da Vida, Negritude, Nosso Canto, Coletivo de Mulheres Negras da Bahia, Afro-Ogundelê, Mutirão o Negro e a sua luta, Raça & Classe, A Komabu.

Os jornais da imprensa negra foram escritos por homens de cor, dotados de condições que lhes permitiam agir a partir de “uma conduta moral, expressas em artigos e por meio de críticas em seções específicas dos periódicos, e quem não compartilhava essas determinações era chamado por eles de “pretos”” (TIEDE, 2006, p. 55). Esses jornais, armazenados na Biblioteca da UFC, passavam por uma falta de reconhecimento do testemunho de valor histórico e cultural da memória afrodescendente, sendo passíveis de catalogação e preservação.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a construção de imagens sobre os(as) negros(as) no discurso jornalístico, tomando como foco analítico os jornais da imprensa negra que circularam no ano de 1916. Especificamente pretende: a) identificar e mapear as edições dos jornais da imprensa negra armazenados no repositório da UFC – Campus Cariri; b) localizar o papel da imprensa negra no campo jornalístico e sua produção no ano de 1916; c) relacionar os discursos sobre o(a) negro(a), produzidos pela imprensa negra com o contexto histórico, político, econômico e cultural do período analisado. Essa possibilidade de análise, considerando o discurso dos jornais da imprensa negra, aqui entendido como fonte de pesquisa social, histórica e política de um povo, delinea a questão da pesquisa: Como o discurso jornalístico construiu imagens sobre negros (as) nos jornais da imprensa negra que circularam no ano de 1916?

Contextualmente, o estudo de jornais da imprensa negra, como ferramenta de captação da realidade, muito tem contribuído para o desenvolvimento do debate sobre a situação do negro na sociedade brasileira. Sendo premissas fundamentais para que a UFC continue exercendo seu papel transformador em sintonia com os diversos setores da atual sociedade da informação e conhecimento, e que sejam capazes de manter viva a memória do povo negro a partir da pesquisa sobre os jornais da imprensa negra.

Com esta pesquisa, esperamos que os resultados venham a contribuir não só para o reconhecimento dos jornais da imprensa negra como informação histórica e cultural e elementos de preservação da memória, mas trazer subsídios para futuros estudos nas áreas de fontes de informações, acesso e uso da informação e resgate das fontes históricas. Assim sendo, com este estudo pretendemos proporcionar conhecimentos acerca do uso de jornais da imprensa negra como fonte documental/histórica, a partir da organização e análise do discurso desta materialidade. Numa perspectiva acadêmica, devemos considerar que uma pesquisa deva interligar memória, fonte histórica, informação e conhecimento demarcando uma expressividade no envolver o (a) negro (a) a partir da imprensa negra.

Fundamentação teórica

O debate sobre a memória requer reflexões nas pesquisas em Ciência da Informação, sobretudo quando analisada do ponto de vista de como a história do (a) negro (a) se faz presente, enquanto memória, no discurso jornalístico. Nesse sentido, Mariani (2003, p. 41) afirma que “as formas de inscrição da historicidade de uma formação social, em uma dada conjuntura na linguagem, torna-se possível entrever os processos discursivos que atuam na perpetuação e cristalização de determinados sentidos” produzidos sobre um determinado grupo etnoracial.

A escolha de um jornal como objeto de estudo se justifica por entendermos com Pinsky (2006, p.118) “[...] a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”. Portanto, a memória é revisitada não só nos dados de natureza econômica ou demográfica, mas nas análises dos aspectos da vida social, histórica e política da humanidade.

A partir de uma abordagem discursiva, Mariani (2003, p. 41) entende que o papel da memória histórica seria o de fixar um significado sobre os sentidos possíveis em uma dada conjuntura social. Para a memória estaria “reservado o espaço de organização, da linearidade entre passado, presente e futuro, isto é, a manutenção de uma coerência interna da diacronia de uma formação social”. É pertinente à perspectiva discursiva considerar que:

a memória não é apenas o espaço da reprodução homogênea de determinados sentidos produzidos por formações discursivas hegemônicas em um dado período, mas, por outro lado, ocorre um ‘silenciamento’ temporário dos sentidos excluídos. A memória é constituída por faltas, lacunas que são repletas de historicidade. (MARIANI, 2003, p. 41).

Isto posto, destacamos o resgate da memória a partir das informações disponíveis nos jornais *O Menelick* e *A Pérola*, como fontes principais da presente pesquisa. Por se tratar de publicações únicas, do ano de 1916, momento que representava a importância da imprensa negra tanto no desempenhar um papel central na produção, quanto na reprodução do preconceito e do racismo. São esses jornais catalisadores das expressões políticas, institucionais, diálogos socializantes sobre as relações interraciais, legitimando a desigualdade social pela cor da pele.

Pensar os jornais da imprensa negra é, contudo, acreditar que sobre os negros recai a credibilidade do tempo, das experiências vividas, de aspectos do passado. Segundo Freitas (2009):

O jornal e a revista são espelhos da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Os assuntos tratados obrigatoriamente tem que ser do interesse do público, incluindo informações e análises sobre fatos variados [...] revelando ocorrências do passado recente ou remoto e projetando o futuro e as tendências – das relações raciais, da política, da economia [...] da moda, do comportamento, com uso de ilustrações. (FREITAS, 2009, p. 3)

A consciência política dos negros indicada nos jornais é a garantia do discurso de uma leitura social que possibilita a apreensão do ontem, a reflexão do hoje e a construção do amanhã. Parte de segmentos da sociedade censurava determinados comportamentos, exigindo o padrão europeu branco. A expressão “*imprensa negra*” foi cunhada pela primeira vez, no âmbito acadêmico, a partir dos estudos do antropólogo francês Roger Bastide (1971) na Universidade de São Paulo (USP), nos anos trinta. O autor procurou analisar os jornais publicados pelo pulsante movimento negro da época – a Frente Negra Brasileira (FNB), observando nesses periódicos a oportunidade de examinar e perceber sentimentos, atitudes e anseios do grupo de afrodescendentes emergentes.

Assim, podemos compreender o porquê de algumas tradições praticadas antigamente não perdurarem até os dias atuais, ou seja, devido ao fato de se abandonar o passado sem dar a importância merecida. As lembranças recuperadas, a partir da volta ao passado, são de extrema importância, pois a partir do estudo da memória é possível saber que: “[...] já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, eles viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecível”. (BOSI, 1994, p.60).

Isso significa que a memória social apóia a memória individual, pois reforçam as lembranças, os significados criados por um grupo. Reconstruindo o passado com a ajuda de dados individualizados do presente. O negro expressou sua identidade, defendendo seus interesses em conformidade com a época das publicações dos jornais.

Dessa maneira, a luta dos(as) negros(as) por um espaço na sociedade era cruel, pois não existia qualquer ajuda à inclusão deles na sociedade de São Paulo. Formada por brasileiros brancos e imigrantes estrangeiros, além do preconceito que existia pela cor e por sua história de escravidão, obtiveram apenas serviços temporários levando-os muitas vezes para o alcoolismo, em grupos nos botequins e bares em geral, diminuindo a tensão sobre a exploração dos brancos em relação a eles. Portanto, Fernandes (1978) diz que:

O 'negro', no regime de igualdade e de liberdade, continuou a comportar-se como 'escravo' ou como 'liberto', enquanto o 'branco' ignorou as transformações ocorridas, aceitando o incenso que era queimado a seus pés ou exigindo os tributos devidos à 'raça dominante'. O fato é que, por curioso que pareça, os fatores de inércia conservaram o passado no plano por assim dizer ritualizado do convívio inter-racial. Na medida em que o 'negro' se identificava com seus antigos papéis sociais ou em que o 'branco' se recusava a partilhar com ele seu estilo de vida e os papéis sociais correspondentes, reduziam-se ao mínimo as modificações do horizonte cultural imperante em cada setor racial da sociedade paulistana. (FERNANDES, 1978, p. 283)

Por outro lado, a “branquização” (cruzamento entre as raças) foi determinante, pois a partir desse processo a relação matrimonial dos brancos fez com que informações sobre a cor das crianças nos registros de nascimento aparecesse como branca, piorando a luta dos(as) negros(as) por sobrevivência nessa classe social (dos brancos). A vida do(a) negro(a) dependia do desenvolvimento econômico e social, entretanto, as oportunidades que tinham não eram compatíveis com suas necessidades, sofrendo ainda pela falta de informação e de escolaridade. As redes de informação têm um papel decisivo, interligando o poder público, as associações empresariais e principalmente a sociedade em geral, de modo dominante e imprescindível para geração do conhecimento. Esse conhecimento pode ser um dos pilares para criar “uma base de vida que amplie a união da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (SANTOS, 2008, p.101): a descoberta de interesses comuns que podem conduzir a uma densidade de comunicação dinâmica e transformadora. Daí a necessidade de compreender as qualidades da informação, encontrar quem a produz e quem a possui, passando para as empresas e a sociedade decidirem a sua usabilidade. Santos (2008), destaca que:

O mundo hoje é o cenário do chamado 'tempo real', porque a informação se pode transmitir instantaneamente [...] as ações se concretizam não apenas no lugar escolhido, mas também na hora adequada, conferindo maior eficácia, maior produtividade e maior rentabilidade aos propósitos daqueles que as controlam. (SANTOS, 2008, p. 98)

Diante dessa contextualização, Halbwachs (2006) usa a memória como fonte histórica e segundo ele, a memória do indivíduo depende de sua relação com a sociedade à sua volta. Discute que a representação das coisas evocadas pela memória individual é tomada de consciência da representação coletiva relacionadas às mesmas coisas. Neste sentido, a memória coletiva contribui para o sentimento de pertencimento do grupo fundamentado no compartilhamento de memórias de um passado comum, pois a lembrança de situações há muito tempo vivida é motivada por pessoas ou por acontecimentos presentes que nos levam a lembrar. Ele comenta ainda que:

A Memória Coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2006, p. 53-54)

Portanto, a representação da lembrança de um fato no passado seria impossível, pois o indivíduo não é mais a mesma pessoa de quando ocorreu o fato, o tempo é outro, tudo se modificou ao seu redor em razão das várias transformações que lhes ocorreram e no espaço que eles viverão. Os (as) negros (as) teriam de se libertar dessa representação, das injustiças sofridas na escravidão, para poder se classificar socialmente, integrando-se a sociedade de classes em São Paulo.

Caminhos metodológicos

Em função dos objetivos de nossa pesquisa, a metodologia mais apropriada para ser utilizada é a que propicia uma abordagem discursiva na linha de Eni Orlandi (2009) e a de Patrick Charaudeau (2006), as quais não se preocupam com a quantificação na construção dos dados, pois estes são reunidos em função de sua qualidade, de suas características, exigindo-nos uma tarefa de conceituação. Além disso, o uso de conceitos de analistas de discurso, inscritos em tendências metodológicas distintas, sustenta-se nos pressupostos da “abordagem multireferencial” proposta pelo estudioso francês Jacques Ardoino (1980) para quem “a análise dos fatos, das práticas, das situações e dos fenômenos [exige] uma leitura plural [e esta] supõe a quebra das fronteiras disciplinares na compreensão, análise, explicação, articulação e construção do objeto de estudo”, logo, comporta uma bricolagem a partir de perspectivas múltiplas. Essa articulação metodológica revela que “a informação não existe em si, mas é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve” (CHARAUDEAU, 2006, p. 36).

Nesse sentido, a análise do discurso proposta pelos autores é adequada, posto que, enquanto prática social funciona em várias dimensões temporais simultaneamente. Capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e ideias do presente, organizando o futuro, legitimando o passado – memória – e realizando uma leitura desses fatos do presente no futuro.

A Análise de Discurso (AD) tem a finalidade de “desentranhar o sentido de determinadas situações históricas” (AROSTÉGUI, 2006, p.529), nas quais é possível apreender o poder, suas estratégias e sentidos produzidos. Essa metodologia de análise “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social [cujo] discurso torna possível à permanência, a continuidade, o deslocamento e a transformação do homem e da realidade” (ORLANDI, 2009, p. 15).

Pêcheux (1990) entende o discurso como “o efeito de sentidos sobre os interlocutores” (PÊCHEUX, 1990, p.170). Além disso, esses autores concordam ao afirmar que “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 2009, p. 62). Seguindo essa mesma direção, Mariani (2003, p.33) afirma que o discurso “toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão

recordados no futuro [e,] ao selecionar está engendrando e fixando sentido para esses acontecimentos”.

Numa linha diferente dos autores anteriormente mencionados, Charaudeau (2009) amplia o conceito de discurso de tal modo que nos permite ligá-lo à informação de que trata a Ciência da Informação. Para este autor, o discurso resulta da sequência de três lugares de construção dos sentidos, partindo da produção à recepção, mediado por quem fala e a quem se dirige e a maneira pela qual se fala. Apresentar sentido de discurso incide em proceder a uma conexão entre dois pólos: produção e recepção.

Para atendermos aos objetivos propostos nesta pesquisa, selecionamos dois exemplares no conjunto de 24 títulos, considerando o critério de inclusão do corpus. Um deles foi escolhido pelo número de citações que foi percebido sobre a temática, e o outro pelo ineditismo, nunca citado/indicado. Essa escolha justifica-se também pela relevância para a pesquisa, e por eles tratarem da temática etnoracial da segunda década do século XX. A seleção, o tratamento e a interpretação das informações em estado bruto dos jornais tiveram como finalidade identificar a sua representação para a sociedade e os pesquisadores negros.

Em relação aos procedimentos de análise, o primeiro passo consiste na leitura cuidadosa e (re) leitura da materialidade empírica a fim de tentarmos captar os significados que não tenham sido percebidos ou não ditos. Essa fase de leituras contínuas permite encontrar palavras repetitivas, expressões e frases que possam representar situações de forma mais ou menos coerente e de significado similar, metáforas que possam implicar imagens específicas ou mesmo palavras com significados particulares. Também traz à tona semelhanças e diferenças, apontando quais os efeitos discursivos podem estar implicados no discurso jornalístico em questão.

Após a identificação dos discursos, que passarem pelas ações discursivas emitidas, o passo seguinte da análise, considerado um dos mais importantes, consistirá no estudo de suas implicações, isto é, de seus efeitos discursivos. Essa perspectiva analítica visa “fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (ORLANDI, 2009, p. 26), não permanecendo na interpretação, mas trabalhando seus limites e mecanismos como parte dos processos de significação.

Entretanto, a análise do discurso jornalístico exige a retomada de conceitos e noções da AD e a utilização do modelo de análise proposto por Charaudeau, onde o discurso de informação pode formular vários questionamentos sobre como a informação é transmitida:

Por que informar?	Razões pelas quais uma informação é transmitida
Quem informar?	Traços psicológicos e sociais daquele que dá a informação
Quais são as provas?	Meios que o informador aciona para provar sua veracidade

Quadro 1: Questionamentos do discurso da informação

Fonte: Adaptação nossa de CHARAUDEAU, 2006.

Charaudeau (2006, p.23) afirma que, na imprensa escrita, para estes questionamentos serem contemplados, a informação precisa ainda de três funções que ajudarão a compor os lugares de construção dos sentidos, a saber: a visibilidade, legibilidade e inteligibilidade. A visibilidade obriga a imprensa a compor as páginas do jornal de maneira que as notícias possam ser facilmente encontradas e entendidas pelo leitor. Deve conter elementos textuais de anúncio da notícia e de orientação ao caminho visual do leitor no espaço informativo do jornal. A legibilidade obriga a imprensa a um trabalho de exposição que seja o mais claro possível a respeito dos acontecimentos que se produzem no espaço público, pelos modos discursivos do acontecimento relatado. A inteligibilidade aplica-se ao comentário do acontecimento. Trata-se de esclarecer o por quê e o como das notícias.

Análises das imagens de negros(as) no discurso jornalístico

O que seria então a imprensa negra? O que o discurso jornalístico revela? Que imagens são evidenciadas nesse discurso? Comungando com o pensamento de Souza (2007, p.14) entendemos como “imprensa negra um órgão de informação, na medida em que fez ver a negritude, mostrar o que estava acontecendo com as associações negras e principalmente por mostrar a situação de desigualdade dos negros [...]”. É também para este autor um órgão de formação posto que “procurou incentivar determinadas atitudes, comportamentos e ações consideradas adequadas e condenar tudo aquilo que tivesse contrário a esses valores”.

Os jornais *O Menelick* e *A Pérola*, editados em 1916, constituem a materialidade empírica, em análise, nesta pesquisa. Essa materialidade traz elementos de informação e memória que permitem reconstruir e interpretar as imagens construídas sobre negros (as) no discurso jornalístico. O ano de 1915 constitui o marco de publicação de um dos primeiros periódicos da imprensa negra em São Paulo - *O Menelick*”. Esses periódicos, tais quais os demais jornais que circularam nesse período, “foram criados e dirigidos por diversos grupos de negros (as), muitas vezes associados (as) aos clubes culturais existentes na época; em outras ocasiões, estavam ligados (as) a grupos independentes ou aos que comprovavam sua participação político-partidária”. (SANTOS, 2007, p. 32).

A análise está dividida em três momentos, privilegiando os gêneros e fragmentos. O estudo dos gêneros, segundo Fernandes (2010), é muito importante para a Análise do Discurso, pois estabelece relações entre o texto e o contexto social de sua produção, possibilitando a realização de uma análise com mais profundidade que não se estaciona apenas na sua materialidade linguística ou na sua situação de produção, mas obriga o analista do discurso a percorrer um caminho em direção à estrutura do texto e do seu suporte e as condições de produção que envolve a produção desse texto, especialmente o contrato estabelecido entre os sujeitos do discurso.

O primeiro momento analisa como o discurso jornalístico construiu imagens sobre o negro nos jornais da imprensa negra que circularam no ano de 1916. O segundo momento enfoca o papel da imprensa negra no campo jornalístico e sua produção na época demarcada pelos jornais. Finalmente, o terceiro momento relaciona os discursos e as imagens sobre o (a) negro (a), produzidos pela imprensa negra com o contexto da época e período analisado.

O jornal *O Menelick* pode ser descrito como informativo comunitário que abordava assuntos relativos à cultura e a identidade negra. Tendia a ser poético e interativo e, muitas vezes, encarrega-se de convidar a comunidade para participar do jornal com o envio de contos ou poesias, além do que, dedicava um pequeno espaço para “paqueras” e “fofocas” entre leitores e outras figuras do distrito de Campinas, onde também se dava a circulação desse periódico. Não apresenta imagens, mas letras diferentes, mudando a fonte a cada verso/poesia/conto/aviso existente. Combinadas, formavam diferentes discursos escritos pelos atores sociais da época.

Discurso nº 01 – Jornal O Menelick

Autoria: Marcus Primus

Gênero: Conto

Tema: Episódio da Revolta da Ilha de São Domingos

Data da Edição: 1º de janeiro de 1916

Local: São Paulo

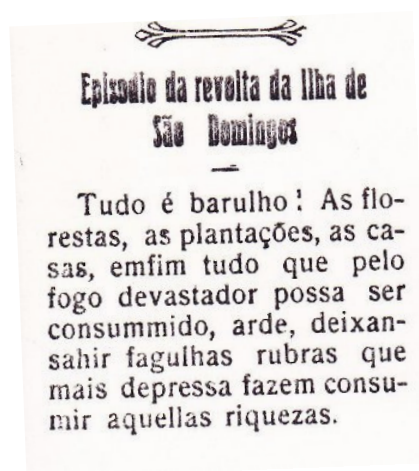


Figura 1: Conto - Episódio da revolta da Ilha de São Domingos. *O Menelick*, nº 03, 1º de Janeiro de 1916, p. 01.

O primeiro momento da análise centra no conto *Episódio da Revolta de São Domingos* que retrata o panorama do ano de 1789, quando a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos representava dois terços do comércio exterior da capital francesa. Era considerado o maior mercado individual para o tráfico negreiro europeu e reconhecida como a maior colônia mundial cuja “estrutura era sustentada pelo trabalho de meio milhão de escravos” (JAMES, 2000, p. 15). Entretanto, como aponta o autor, esse apogeu não durou muito tempo, pois que, em

1791, os escravos se revoltaram, desencadeando uma luta contra os seus opressores – os brancos, incluindo os soldados franceses – que se estendeu por 12 anos.

O contexto sócio histórico em que é tecido o conto é a Ilha de São Domingos, onde ocorreu a revolta dos(as) escravos(as), a qual foi movida pelo labor exaustivo e desumano aplicado ao povo negro durante décadas para os(as) quais estava destinada a árdua tarefa de sustentar com a sua força de trabalho um dos mais lucrativos negócios do Novo Mundo. Na lavoura da cana de açúcar, os (as) negros (as) plantavam as mudas, cuidavam dos brotos e do seu crescimento, faziam a colheita. Enfim, eles(as) eram responsáveis por toda a fabricação do açúcar.

Este conto se aproxima dos relatos históricos a descreverem que as punições por meio de chicotes eram mais comuns do que o recebimento da comida pelos negros. Sobre essa questão, James (2000) afirma que o pessoal que visitava essa Ilha “era acordado pelo estalo do chicote, pelos gritos sufocados e gemidos profundos dos pretos que viam o sol surgir apenas para amaldiçoá-los por mais um dia de trabalho e de sofrimento” (JAMES, 2000, p. 24). A manutenção da escravidão pelos donos de engenho baseava-se em castigos violentos com um nível de perseguição implacável.

Na tessitura do conto, o leitor sente a tortura sistemática que originou uma sede de vingança por parte dos (as) negros (as). E esta tortura foi um dos motivos que desencadeou a revolta, iniciada em 1791, sendo esta considerada por alguns estudiosos da questão como a única rebelião vitoriosa de escravos (as). Embora James (2000) afirme que nem todos os (as) escravos (as) eram submetidos (as) ao regime de tortura, havia um grupo privilegiado que se submetia às atividades domésticas, sem deixar, entretanto, de ser reconhecida a sua condição de escravo. Segundo o autor, “[...] um pequeno número deles aproveitava essa posição para se educar, adquirir um pouco de cultura e aprender tudo o que pudesse [enquanto] centenas de milhares suportavam nas suas costas arqueadas toda a estrutura social de São Domingos” (JAMES, 2000, p.33).

A história relata que a revolta de São Domingos contribuiu para a independência do Haiti, proclamada em 1804. Influenciada pela Revolução Francesa, essa independência é considerada a única revolta de escravos bem-sucedida desde a Antiguidade clássica. Para tal, organizaram suas estratégias lançando mão do vodu como um meio de mascarar e desviar o olhar dos inimigos da conspiração. Nesse sentido, Nascimento (2008) afirma que “a Revolução Haitiana também trouxe um endurecimento das leis escravistas e dos mecanismos coercitivos, além de uma atitude menos tolerante para com os homens livres de cor”. Para os(as) escravos(as), tal revolução “mostrou que era possível construir um movimento de libertação que os levasse à tomada do poder” (NASCIMENTO, 2008, p.127). Ao tomar consciência de sua situação, os(as) negros(as) deram início à organização da revolução, matando seus patrões e queimando suas riquezas. Os(as) negros(as) queriam a igualdade e viam a possibilidade de assegurar sua liberdade e eliminar o racismo.

O conto retrata um sujeito discursivo que postula a integração do negro na sociedade marcadamente assumida pelo segmento branco. Apresenta marcas de temporalidade e historicidade que trazem o passado como condição para se compreender o presente. Como atesta Burke (1992, p. 43), deve-se ler o passado para compreender o presente. Essas marcas são apresentadas nos acontecimentos da revolta e tomadas como objetos de discursividade. Além disso, todo discurso é destinado a outro sujeito, a quem o Eu deseja persuadir, convencer, informar, “levar o outro à aceitação de uma dada ideia” (CITTELI, 2000, p. 13).

O panorama não era favorável aos (às) negros (as) e, portanto, precisava mudar aquela situação, o discurso da opressão, da inferiorização para o discurso da libertação social e política. O conto

irá nos remeter a outra formação discursiva que ganha sentido porque se origina de um jogo definido pela formação ideológica dominante na conjuntura da época: integrar o negro à história conscientizar-se de sua condição de escravizado. Nesse sentido, sinaliza Fernandes (2007, p. 20): “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana”. Este gênero literário para Santos (2007, p.27) é uma característica forte dos jornais da imprensa negra.

O conto revela também um contexto com características sociais e políticas produzidas em condições adversas de destruição, vingança, fé, violência, barulho, fogo, tormento, sangue e morte, mescladas de paixão e amor sublime. São elementos significativos, repletos de efeitos de sentidos, que demonstram o nível de conflito no ambiente em que se encontravam os sujeitos envolvidos apartados como participantes da história. Esses sujeitos podem ser caracterizados em categorias distintas, formadas por um cenário que irrompia sobre as florestas, as plantações e as casas vítimas do fogo; o pobre campônio, sua esposa e sua filha loura (a moça) – alvo de vingança e de amor; os homens de cor/pretos/negros, a desejada liberdade, os brancos destruídos, o apaixonado não correspondido e a morte, companheira dos sujeitos desse episódio.

Na luta de classes articulada juntamente com a luta contra as desigualdades raciais é que se pode pensar a possibilidade de superação da dominação de classes. Os conflitos raciais constituem um grande desafio de abordagem jornalística. Os jornais/informativos têm trazido à tona as desigualdades raciais existentes, informando e dialogando com a população e autoridades através de seus canais de denúncia sobre discriminação.

Discurso nº 02 – Jornal A Pérola

Autoria: Carivaldo Ribeiro

Gênero: Informativo

Tema: Anúncios

Data da Edição: 11 de novembro de 1916

Local: São Paulo

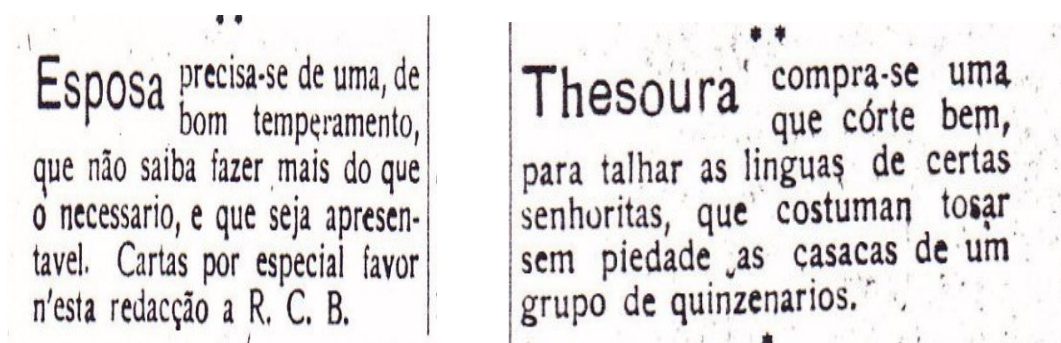


Figura 2: Anúncios. A Pérola, nº 06, 11 de Novembro de 1916, p. 04.

Os anúncios eram colocados geralmente na última página dos jornais, contendo anúncios de compra e venda, aluguéis, prestação de serviços dentre outros, utilizando muitas vezes o humor para chamar a atenção dos leitores. Mas, quando se referiam ao gênero feminino, as diferenças apareciam marcadas pelo estigma da escravidão.

Sobre as mulheres negras, segundo Silva (2009, p. 71) incidem tanto as representações em relação ao uso de seu corpo como objeto sexual como a sua adequação ao trabalho doméstico. Essas representações dificilmente poderiam ser explicadas historicamente sem que consideremos “a condição de propriedade privada da mulher na sociedade patriarcal”. Comungando com a autora Giacomini (1988, p. 66), seria uma condição que “explicaria a lógica determinante da opressão específica da escrava”. A escolha de certos adjetivos, abreviações, sintaxe, entre outros é realizada de acordo com a forma como os anúncios são produzidos.

O contexto histórico social é imprescindível nas escolhas que indicam o grau de comprometimento dos sujeitos, e denotam também seu grau de interação com os interlocutores. Concordando com Aquino (2004):

[...] o discurso configura uma prática cristalizada que reforça as imagens que um grupo social faz de si mesmo, as imagens que o negro faz do branco e as imagens que esse faz dele. São discursos produtores de silêncios e sentidos, os quais possibilitam a formação e a sedimentação de outros discursos já instalados. (AQUINO, 2004, p. 4)

A oportunidade de a imprensa negra trabalhar com o discurso imagético possibilita uma realidade significativa, pois garante o movimento de sentidos ao processo de imersão de outros discursos na formação da história da população negra.

Diante da análise dos jornais da imprensa negra, constatou-se que o(a) negro(a) é apresentado(a) por cenários compostos de protestos, reivindicações, formação educacional e seu desejo de integração na sociedade, ou seja, por um discurso permeado pela busca da sua identidade. Compreender os vários papéis sociais, culturais, políticos e históricos construídos através dos jornais, proporciona perceber as formas como a imprensa veicula ou desvincula a inserção do(a) negro(a) e, conseqüentemente, a sua luta para ultrapassar a barreira do preconceito e de defesa dos interesses dessa população.

A análise do discurso jornalístico produziu uma discursividade com base nos jornais selecionados, permitindo compreender que o papel da memória histórica é mostrar o funcionamento do discurso, ou seja, fixar um sentido sobre sentidos possíveis em uma dada conjuntura social e política. Essa memória do(a) negro(a) flui por meio desse canal de comunicação – o jornal – preservando o passado como uma reatualização dos episódios e aprendizados, cuidando para que as imagens negativas não se reproduzam no presente. Daí a importância da informação como objeto de estudo da Ciência Informação nas suas conexões com a memória e a história.

Essa análise retoma a teorização de que a informação é a matéria-prima do conhecimento. Ao atribuímos sentido à informação, colocando-a no seu contexto específico, produzimos um conhecimento sobre o Outro que possibilita desconstruir a memória histórica preservada pelos (as) colonizadores (as) que não correspondem a real história do povo negro.

Desvelar criticamente os não ditos sobre o povo negro contribui para o reconhecimento de que sua contribuição para a sociedade brasileira também é inegável. Assim, analisar criticamente os jornais da imprensa negra e os sentidos produzidos pela materialidade empírica, significa escavar os sentidos, trazer à tona a memória discursiva, que se repete e produz efeitos de sentidos em um determinado contexto. Nesse sentido, diz Orlandi (2003, p. 15): “[...] A memória é historicidade, e a relação com a historicidade se alarga, abre para outros sentidos, dispersa, põe em movimento”. Ao mesmo tempo, a autora vê a memória como arquivo e enquanto tal “tem a forma da instituição que a congela, que a organiza, que distribui sentidos.” E o que se diz sobre o outro, a imagem que fazemos dele, o que os jornais dizem sobre (os) negros (as) é datado.

Considerações finais

Este trabalho se diferencia de outros existentes sobre o tema pelo ineditismo de pesquisa referente a um dos jornais, denominado *A Pérola*, e pelo já conhecido e tão citado jornal *O Menelick*. O inter cruzamento discursivo dos jornais e dos seus sujeitos traz a valorização do enquadre situacional, bem como das pistas contextuais no entender das lutas existentes no cotidiano da raça negra no início do século XX.

Conhecer o discurso jornalístico é condição *sine qua non* para a postura reflexiva e crítica necessária à tradução do que ali é circunscrito e delimitado como realidade circundante. No nosso caso, a imprensa negra é conduzida por entre narrativas memorialísticas e denunciativas à população em volta ao ano de 1916. População esta composta por homens de cor que em determinadas situações não aceitavam a discriminação e preconceito por outros homens ditos brancos. Aqui, portanto, reside a práxis da narrativa escrita, emerge o dito por entre a consciência e/ou a deliberação da tradução feita ao que é lido.

Desta forma, não é suficiente apenas saber que a discriminação e o preconceito existiam nos primeiros jornais do começo do século XX, é necessário analisá-los discursivamente – um ir e vir às palavras inter cruzadas ao negro, fazendo da prática conversacional à leitura efetuada uma prática socialmente comprometida com a igualdade entre as raças.

A raça, assim percebida, ecoa novos pensares, novas dialéticas sobre o concreto do cotidiano vivido, fazendo do fato social uma bandeira de luta àqueles que compõem a notícia, a ilustração,

os contos, poesias e anúncios. Nessa acepção o discurso adquire argumentos que servem para reafirmar as diferenças culturais entre as raças, garantindo uma valorização da palavra e sua interpretação, trazendo à tona o repensar o pensar para que talvez, em circunstâncias outras, a palavra volte a ser pensante. Partindo deste pressuposto, a identidade da raça é suscitada, devolvendo-lhe o questionável – através de contextos perpassados pelo jornal sobre o percurso dos sujeitos envolvidos no *aqui e agora* dos episódios acontecidos em torno da mestiçagem, fazendo com que o leitor compreendesse os espaços demarcados à sociedade vigente, formando um resgate do que seria a identidade do negro.

Em suma, a interlocução manifestada através da linguagem jornalística se configurou como um efeito de sentidos entre os sujeitos que a partir da temática etnicorracial fundam e refundam uma práxis envolvida de posições de grupos no identificar o entendimento do campo político e da valorização das lutas contra o preconceito.

É necessário ressaltar a importância do estabelecimento de interfaces entre a Ciência da Informação e estudos etnoracial para que sejam trabalhados temas variados, fazendo-se o devido reconhecimento e respeitando os problemas de preconceito, discriminação e racismo; mantendo-se como fundamento a experiência da imprensa negra no Brasil, sobressaindo-se a relevante contribuição que os veículos de informação elaborados por negros trazem à sociedade, há a necessidade de estimular estudos voltados ao público negro, às variadas formas disponíveis de produção intelectual e a inclusão da imprensa negra na história da imprensa no Brasil.

Com este estudo, esperamos que os resultados venham a contribuir não só para o reconhecimento dos jornais da imprensa negra como informação histórica e cultural e elementos de preservação da memória, mas trazer subsídios para futuros estudos nas áreas de fontes de informações, acesso e uso da informação e resgate das fontes históricas. O presente estudo pode vir a proporcionar conhecimentos acerca da utilização de jornais da imprensa negra como fonte documental/histórica, a partir da organização e análise do discurso desta materialidade. Numa perspectiva acadêmica, devemos considerar que uma pesquisa deva interligar memória, fonte histórica, informação e conhecimento demarcando uma expressividade no envolver o negro a partir da imprensa negra.

Artigo recebido em 28/10/2010 e aprovado em 17/11/2010.

Referências

ARDOINO, Jacques. *Education et relations: introduction à une analyse plurielle des situations éducatives*. Paris: Unesco, 1980.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. *A imagem do afrodescendente na escola: silêncios e sentidos na versão que ficou*. 2004. Disponível em: <<http://www.ldmi.ufpb.br/mirian/artigos.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2010.

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. São Paulo: Edusc, 2006.

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Branços e negros em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo. Contexto, 2006.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).

FERNANDES, Adélia Barroso. *Jornal impresso: as restrições e as transformações dos títulos enquanto gênero jornalístico*. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=517&cf=18>>. Acesso em: 30 jul 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise de Discurso: notas introdutórias*. 2 ed., São Carlos: ClaraLuz, 2007.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

FREITAS, Jorge Roberto. *Imprensa negra: a trajetória visível*. Rio de Janeiro: Ceap, 2009.

GIACOMINI, S. M. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 10 set. 2009.

JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2000.

MARIANI, Bethania Sampaio Correa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes. 2003.

NASCIMENTO, Washington Santos. São Domingos, o grande São Domingos: repercussões e representações da Revolução Haitiana no Brasil escravista (1791-1840). *Dimensões – Revista de História da UFES*, Espírito Santo, n. 125, v. 21, 2008.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2009.

_____. *Para uma enciclopédia sobre a cidade*. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F., HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Pedro de Souza. *Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1937)*. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade São Francisco, 2007.

SANTOS, Milton. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Joselina da. *Mulheres negras: histórias de algumas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ceap, 2009.

SOUZA, Maria da Paixão Neres de. Abordagem inter e transdisciplinar em Ciência da Informação. In.: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: Edufba, 2007.

TIEDE, Livia Maria. *Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000376406>> Acesso em: 08 ago. 2010.